

LUÍS CAMÕES

OS LUSÍADAS

Luís Camões

Os Lusíadas

«Public Domain»

Camões L.

Os Lusíadas / L. Camões — «Public Domain»,

Содержание

| | |
|-----------------------------------|----|
| OS LVSIADAS DE LVIS DE CAMÕES | 6 |
| Canto primeiro | 6 |
| Canto Segundo | 26 |
| Canto Terceiro | 47 |
| Конец ознакомительного фрагмента. | 59 |

Os Lusíadas

Eu el Rey faço faber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoës pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Octaua rima chamada Os Lusíadas, que contem dez cantos perfectos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portugueses nas partes da India depois que se descobrio a nauegação pera ellas por mādado del Rey dom Manoel meu visauo que sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tempo de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de empremir em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & fenhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas partes da India pera se vender sem licẽça do dito Luis de Camoës ou da peffoa que pera isso seu poder tiuer, sob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camoës, & a outra metade pera quem os acufar. E antes de se a dita obra vender lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impreffo na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do fante officio da Inquição pera cõ sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do fante officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirá outrofi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim affinada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do segundo liuro, tit. xx. que diz que as coufas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano passẽ per cartas, & passando por aluaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a .xxiiij: de Setembro, de M.D.LXXI. Iorge da Costa o fiz escreuer.

OS LUSÍADAS DE LUIS DE CAMÕES

Canto primeiro

As armas, & os barões assinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram, ainda além da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana.
E entre gente remota edificarão
Novo Reino, que tanto sublimarão.

E também as memórias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio, & as terras viciosas
De Affrica, & de Ásia, andarão desuando,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando.
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

Cessem do fábulo Grego, & do Troiano,
As navegações grandes que fizeram:
Cessem de Alexandro, & de Trajano,
A fama das victorias que tiveram,
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado
Tendes em my hum novo engenho ardente.
Se sempre em verso humilde, celebrado
Foy de my vosso rio alegremente,
Daime agora hum som alto, & sublimado,
Hum estillo grandiloco, & corrente,
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que não tenham enveja as de Hypocrene.

Daime hũa fúria grande & sonora,
E não de agreste a vena, ou frusta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:
Daime igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:

Que fe espalhe & fe conte no vniuerfo,
Se tam fublime preço cabe em verfo.

E vos ò bem nascida fegurança
Da Lufitana antigua liberdade,
E não menos certifsima esperança,
De aumento da pequena Chriftandade:
Vos o nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da noffa idade:
Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenrro, & nouo ramo florecente,
De hũa aruore de Christo mais amada
Que nenhũa nascida no Occidente,
Cefarea, ou Christianifsima chamada:
Vedeo no voffo escudo, que prefente
Vos amostra a victoria ja paffada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera fi na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Veo tambem no meio do Hemifpherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do fancto Rio.

Inclinay por hum pouco a magestade,
Que neffe tenrro gesto vos contemplo,
Que ja fe mostra, qual na inteira idade,
Quando fobindo yreis ao eterno templo,
Os olhos a real benignidade
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido
De premio vil: mas alto, & quafi eterno
Que nam he premio vil, fer conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem fois fenhora superno.
E julgareis qual he mais excelente,
Se fer do mundo Rei, fe de tal gente:

Ouui, que não vereis com vãs façanhas

Fantásticas, fingidas, mentirofas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Mufas, de engrandecerse defejofas,
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas:
Que excedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,
E Orlando, ainda que fora verdadeiro.

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei, & ao Reino tal feruço,
Hum Egas, & hui dom Fuas, q de Homero
A Citara parelles foi cobiço:
Pois polos doze pares daruos quero,
Os doze de Inglaterra, & o feu Magriço.
Douuos também aquelle illustre Gama,
Que para fim de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cefar, quereis igual memoria:
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle que a feu Reino a segurança
Deixou, com a grande & prospera victoria.
Outro Ioane, invicto cavalleiro,
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,
Aquelles que nos Reinos lá da Aurora,
Se fizeram por armas tão fúidos,
Vossa bandeira sempre vencedora.
Hum Pacheco fortíssimo, & os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.
Albuquerque terrível, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

E em quanto eu estes canto, & a vós nam posso
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,
Tomar as redes vós do Reino vosso,
Dareis matéria a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o peso gozoso,
(Que pelo mundo todo faça espanto,)
De exercitos, & feitos singulares,
De áffricas as terras, & do Oriente os mares.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê feu exílio afigurado,
So com vós ver o bárbaro Gêtio,
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Thetis todo o cerúleo fenhorio,

Tem pera vos por dote aparelhado:
Que affeiçãoada ao gesto bello, & tenro,
Deseja de compraruos pera genro.

Em vos fe vem da Olimpica morada,
Dos ous auôs, as almas ca famofas,
Hũa na paz Angelica dourada,
Outra polas batalhas fanguinofas:
Em vos esperão, verfe renouada,
Sua memoria, & obras valerofas.
E la vos tem lugar no fim da idade,
No templo da fuprema eternidade.

Mas em quanto efte tempo paffa lento,
De regerdes os pouos, que o defejão:
Day vos fauor ao nouo atreuimento,
Pera que estes meus verfos voffos fejão:
E vereis ir cortando o falfo argento:
Os voffos Argonautas, por que vejão,
Que fam vistos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a fer inuocado.

Ia no largo Oceano nauegauão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente refpirauão,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da branca efcura, os mares fe moftrauão
Cubertos, onde as proas vão cortando.
As maritimas agoas confagradas,
Que do gado de Proteo fam cortadas.

Quando os Deufes no Olimpo luminoso,
Onde o gouerno esta, da humana gente,
Se ajuntão em confilio gloriofo,
Sobre as coufas futuras do Oriente:
Pifando o criftalino Ceo fermofo,
Vem pela via Lactea, juntamente
Conuocados da parte do Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos fete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que fo co penfamento
Governa o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:
Ali fe acharão juntos num momento,
Os que habitão o Arcturo congelado.
E os que o Auftro tem, & as partes onde
A Aurora nafce, & o claro Sol fe efconde.

Eftava o Padre ali fublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num affento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, fevero, & foberano,
Do rofto respiraua hum ar diuino,
Que diuino tornàra hum corpo humano:
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes affentos, marchetados
De ouro, & de perlas, mais abaixo estavão
Os outros Deufes todos affentados,
Como a Razão, & a Ordem concertauão.
Precedem os antiguos mais honrrados,
Mais abaixo os menores fe affentauão:
Quando Iupiter alto, affy dizendo,
Cum tom de voz começa, graue & horrendo.

Eternos moradores do luzente
Eftelifero polo & claro affento,
Se do grande valor da forte gente,
De Lufo, não perdeis o penfamento,
Deueis de ter fabido claramente
Como he dos fados grandes certo intento
Que por ella fefqueção os humanos,
De Afsirios, Perfás, Gregos & Romanos.

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido
Cum poder tam fingelo & tam pequeno
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tam temido
Sempre alcançou fauor do Ceo fereno.
Afsi que fempre em fim com fama & gloria,
Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deofes atras a fama antiga,
Que co a gente de Romulo alcançarão,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana tanto fe affamarão.
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando aleuantarão
Hum, por feu capitão, que peregrino
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora vedes bem, que cometendo,
O diuidofo mar, num lenho leue,
Por vias nunca vfadas, não temendo
De Affrico & Noto a força a mais fatreue:

Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue.
Inclinão feu propofito, & perfia
A ver os berços, onde nafce o dia

Prometido lhe eftà do fado eterno,
Cuja alta ley nam pode fer quebrada,
Que tenham longos tempos o gouerno
Do mar, que vé do Sol a roxa entrada.
Nas agoas tem paffado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada.
Ia parece bem feito, que lhe feja
Mostrada a noua terra que defeja.

E porque, como viftes, tem paffados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos Climas & Ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que fejam, de termino, agafalhados
Nefta cofta affricana como amigos.
E tendo guarnecida a laffa frota,
Tornarão a feguir fua longa rata.

Eftas palauras Iupiter dezia,
Quando os Deofes por ordem respondendo,
Na fentença hum do outro difiria,
Razões diuerfas dando & recebendo.
O padre Baco, ali nam confentia
No que Iupiter diffe, conhecendo
Que efquecerão feus feitos no Oriente,
Se la paffar a Lufitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortifsimo de Hefpanha,
Pelo mar alto, a qual fojeitaria
Da India, tudo quanto Doris banha:
E com nouas victorias venceria,
A fama antiga, ou fua, ou foffe eftranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nifa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo fojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou cafo,
Por vencedor da India fer cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnafo.
Teme agora que feja fepultado,
Seu tam celebre nome, em negro vafo,
Dagoa do efquecimento, fe la chegão
Os fortes Portuguefes, que nauegão,

Suftentaua contra elle Venus bella,
Affeioada aa gente Lufitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada fua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostrarão na terra Tingitana:
E na lingoa, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção cre que he a Latina.

Eftas caufas mouião Cyterea,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de fer celebrada a clara Dea,
Onde a gente beligera fe eftende.
Afsi que hum pela infamia que arrecea,
E o outro polas honras que pretende,
Debatem, & na perfia permanecem,
A qualquer feus amigos fauorecem:

Qual Auftro fero, ou Boreas na efpeffura,
De filueftre aruoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata efcura,
Com impito & braueza defmedida.
Brama toda montanha, o fom murmura,
Rompenfe as folhas, ferue a ferra erguida.
Tal andaua o tumulto leuantado,
Entre os Deofes no Olimpo confagrado.

Mas Marte que da Deofa fuftentaua,
Entre todos as partes em porfia,
Ou por que o amor antiguo o obrigaua,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os Deofes em pee fe leuantaua,
Merencorio no gesto parecia:
O forte efculo ao collo pendurado,
Deitando para tràs medonho e irado.

A vifeira do elmo de Diamante,
Aleuantando hum pouco, muy feguro,
Por dar feu parecer fe pos diante
De Iupiter, armado, forte & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do baftão, no folio puro:
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E diffe afsi, ò padre a cujo imperio,
Tudo aquillo obedece, que criaftes,
Se efta gente que bufca outro Emispherio,

Cuja valia, & obras tanto amafte:
Não queres que padeção vituperio,
Como ha ja tanto tempo que ordenaste
Não ouças mais, pois es juyz direito,
Razões de quem parece que he fofpeito.

Que fe aqui a razão fe não mostraffe
Vencida do temor demafiado,
Bem fora que aqui Baco os fofitentaffe,
Pois que de Lufo vem, feu tam priuado:
Mas eſta tenção fua, agora paffe,
Porque em fim vem de eſtamago danado.
Que nunca tirará alhea enueja,
O bem que outrem mereçe, & o ceo defeja.

E tu padre de grande fortaleza,
Da determinaçam que tês tomada,
Nam tornes por detras pois he fraqueza
Defistir fe da coufa começada.
Mercurio pois excede em ligeireza
Ao vento leue, & aa feta bem talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde fe informe
Da India, & onde a gente fe reforme.

Como ifto diffe o Padre poderofa,
A cabeça inclinando, confentio
No que diffe Mauorte valerofo,
E Nectar fobre todos eſparzio:
Pelo caminho Lacteo gloriofo,
Logo cada hum dos Deofes fe partio.
Fazendo feus reaes acatamentos,
Pera os determinados apoufentos.

Em quanto ifto fe paffa, na fermofa
Cafa eterea do Olimpo omnipotente
Cortaua o mar a gente belicofa:
Ia la da banda do Auftro, & do Oriente,
Entre a cofta Ethiopica, & a famofa
Ilha de fam Lourenço, & o Sol ardente
Queimaua entam os Deofes, que Tifeô
Co temor grande em pexes conuerteô.

Tam brandamente os ventos os leuauão,
Como quem o ceo tinha por amigo:
Serenos o ar, & os tempos fe mostrauão
Sem nuuês, fem receio de perigo:
O promontorio praffo ja paffauão
Na cofta de Ethiopia, nome antiguo.
Quando o mar defcubrendo lhe moſtraua,

Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vafco da gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas emprefas fe offerece,
De foberbo, & de altiua coração,
A quem fortuna fempre fauorece
Pera fe aqui deter, não ve razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante paffar determinaua:
Mas nam lhe foccedeo como cuydaua.

Eis aparecem logo em companhia,
Hūs pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente fe aluoroça, & de alegria
Não fabe mais que olhar a caufa della.
Que gente fera efta, em fi dezião,
Que costumes, que ley, que Rei terião?

As embarcações erão, na maneira
Muy veloces, eftreitas, & compridas,
As vellas com que vem erão de esteira,
Dūas folhas de Palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras acendidas
Ao mundo deu, de oufado, & não prudente,
O Pado o fabe, & Lampetufa o fente.

De panos de algodão vinhão veftidos,
De varias cores, brancos, & liftrados,
Hūs trazem derredor de fi cingidos,
Outros em modo ayrofo fobraçados,
Das cintas pera cima vem defpidos:
Por armas tem adagas, & tarçados.
Com toucas na cabeça, & nauegando,
Anafis fonorofos vão tocando.

Cos panos, & cos braços açenauão,
Aas gentes Lufitanas, que esperaffem:
Mas ja as proas ligeiras, fe inclinauão,
Pera que junto aas Ilhas amainaffem.
A gente, & marinheiros trabalhauão,
Como fe aqui os trabalhos facabaffem:
Tomão vellas, amainafe a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima falta.

Não erão ancorados, quando a gente
Eftranha, polas cordas ja fubia,

No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitão fublime os recebia.
As mefas manda por em continente,
Do licor que Lieo prantado auia:
Enchem vafos de vidro, & do que deitão,
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,
Pela Arabica lingoa, donde vinhão,
Quem erão, de que terra, que bufcauão,
Ou que partes do mar corrido tinhão?
Os fortes Lufitanos lhe tornauão,
As difcretas repostas que conuinhão.
Os Portuguefes fomos do Occidente,
Himos bufcando as terras do Oriente.

Do mar temos corrido, & nauegado
Toda a parte do Antartico, & Califto,
Toda a cofta Affricana rodeado,
Diuerfos Ceos, & Terras temos vifto:
Dum Rei potente fomos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto:
Que nam no largo Mar, com leda fronte:
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado feu, bufcando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que fo dos feos Focas fe nauega:
Mas ja razão parece que faibamos,
Se entre vos a verdade não fe nega.
Quem fois, que terra he efta que abitais?
Ou fe tendes da India algũs finais?

Somos, hum dos das Ilhas lhe tornou,
Eftrangeiros na terra, Lei, & nação
Que os proprios, fam aquelles que criou
A Natura fem Lei, & fem Razão:
Nos temos a Lei certa que infinou,
O claro defcendente de Abrahão:
Que agora tem do Mundo o fenhorio,
A mãy Hebreia teue, & o pai Gentio.

Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda efta terra certa efcala,
De todos os que as Ondas nauegamos,
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:
E por fer neceffaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala.

E porque tudo em fim vos notifique,
Chamafe a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,
Bufcando o Indo Idafpe, & terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem fejais
Guiados pelas ondas fabiamente.
Tambem fera bemfeito que tenhais,
Da terra algum refresco, & que o Regente
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais neceffario vos proueja.

Ifto dizendo, o Mouro fe tornou
A feus bateis com toda a companhia,
Do Capitão & gente fe apartou,
Com mostras de deuida cortefia:
Nifto Febo nas agoas encerrou,
Co carro de Christal, o claro dia:
Dando cargo aa Irmaã, que alumiaffe,
O largo Mundo, em quanto repoufaffe.

A noyte fe paffou na laffa frota,
Com eftranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tão remota,
Noua de tanto tempo defejada:
Qualquer então configo cuyda, & nota
Na gente, & na maneira defufada.
E como os que na errada Seita crérão,
Tanto por todo o mundo fe eftendérão.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauão.
Qual campo reueftido de boninas,
Os furiofos ventos repoufauão,
Polas couas efcuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo coftumaua.

Mas affy como a Aurora marchetada,
Os fermofos cabellos efpalhou,
No Ceo fereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a embandeirarfe toda a armada,
E de todos alegres fe adornou:
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia alegremente nauegando,

A ver as naos ligeiras Lufitanas,
Com refresco da terra, em fi cuidando,
Que fã aquellas gentes inhumanas:
Que os apoufentos Cãprios habitando,
A conquiftar as terras Afianas
Vierão: & por ordem do deftino,
O Imperio tomarão a Cofantino.

Recebe o Capitão alegremente,
O Mouro, & toda fua companhia,
Dalhe de ricas peças hum prefente,
Que fo pera efte effeito ja trazia:
Dalhe conferua doce, & dalhe o ardente
Não vfado licor que dê alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, & bebe.

Eftà a gente marítima de Lufo,
Subida pela exarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, & vfo,
E a lingoagem tam barbara & enleada.
Tambem o Mouro astuto eftà confufo,
Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.
E perguntando tudo lhe dizia,
Se porventura vinhão de Turquia.

E mais lhe diz tambem, que ver defeja
Os liuros de fua ley, preceito, ou fé,
Pera ver fe conforme à fua feja,
Ou fe fã dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê,
Mostra das fortes armas de que vfauão,
Quando cos inimigos pelejauão.

Responde o valerofo Capitão,
Por hum que a lingoa efcura bem fabia:
Darte ey Senhor illuftre relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem fou da terra, nem da geraçam,
Das gentes enojofas de Turquia:
Mas fou da forte Europa belicofa,
Bufco as terras da India tam famofa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o vifibil, & inuifibil,
Aquelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que fente, & todo o infenfibil
Que padeceo deshonor, & vituperio,

Sofrendo morte injusta, & infufribil:
E que do ceo aa terra em fim deceo,
Por fubir os mortais da terra ao ceo.

Deste Deos homem, alto, & infinito,
Os Liuros que tu pedes, nam trazia,
Que bem posso efcufar trazer efcripto
Em papel, o que na alma andar deuia.
Se as armas queres ver, como tês dito,
Comprido effe defejo te feria:
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros, amoftrar as armaduras,
Vem arneses, & peitos reluzentes,
Malhas finas, & laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pilouros, efpingardas de aço puras,
Arcos, & fagittiferas aljauas,
Partafanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente
As panellas fulfureas, tam danofas,
Porem aos de Vulcano nam confente
Que dem fogo aas bombardas temerofas:
Porque o generoso animo, & valente,
Entre gentes tam poucas, & medrofas,
Não mostra quanto pode, & com razão,
Que he fraqueza entre ouelhas fer lião.

Porem difto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade mà de penfamento.
Nas mostras, & no gesto o não mostrou:
Mas com rifonho, & ledto fingimento,
Tratalos brandamente determina,
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podeffe aa India fer leuado,
Dizlhe, que o largo premio leuarão,
Do trabalho que niffo for tomado.
Prometellos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, & tão danado:
Que a morte se podeffe neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mà vontade,
Que aos estrangeiros fupito tomou,
Sabendo fer fequaces da verdade,
Que o filho de Daud nos enfinou,
Os fegredos daquella Eternidade
A quem juyzo algum não alcançou.
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aqueles de quem fofte tanto amigo?

Partiofe nisto em fim co a companhia,
Das naos o falfo Mouro despedido,
Com enganofa & grande cortefia,
Com gefto ledto a todos, & fingido:
cortárão os bateis a curta via
Das agoas de Neptuno, & recebido
Na terra do obfequente ajuntamento,
Se foy o Mouro ao cognito apoufento:

Do claro affento Etereo, o grão Tebano,
Que da paternal coxa foy nafcido
Olhando o ajuntamento Lufitano,
Ao Mouro fer molefto, & auorrecido:
No penfamento cuyda hum falfo engano
Com que feja de todo deftruydo.
E em quanto ifto fo na alma imaginaua
Configo eftas palauras praticaua.

Eftà do fado ja determinado,
Que tamanhas victorias tam famofas,
Ajão os Portuguefes alcançado,
Das Indianas gentes belicofas.
E eu fo filho do Padre fublimado,
Com tantas qualidades generofas:
Ey de fofrer que o Fado fauoreça
Outrem, por quem meu nome fe efcoreça?

Ia quiferam os Deofes que tiueffe,
O filho de Filipo nefta parte,
Tanto poder, que tudo fometeffe
Debaixo do feu jugo, o fero Marte:
Mas affe de foffrer que o Fado deffe,
A tam poucos tamanho esforço, & arte
Queu co gram Macedonio, & Romano,
Demos lugar ao nome Lufitan?

Não fera affy, porque antes que chegado
Seja efte Capitão, astutamente
Lhe fera tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:

Eu decerey aa terra, & o indignado
Peito, reuoluerey da Maura gente,
Porque fempore por via yra derecha,
Quem do oportuno tempo fe aproueita.

Isto dizendo yrado, & quasi infano,
Sobre a terra Affricana descendeo,
Onde vestindo a forma & gesto humano,
Pera o Praffo fabido fe moueo.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural fe conuerteo,
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, fabio, & co Xeque muy valido.

E entrando affy a falarlhe, a tempo & horas,
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como erão gentes roubadoras,
Estas que ora de nouo sam chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas,
Forão por estes homens que passauão,
Que com pactos de paz sempre ancorauão.

E fabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos fanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido,
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem ja de longe engano vrdido,
Contra nos, & que todos seus intentos
Sam pera nos matarem, & roubarem,
E molheres & filhos captiuarem.

E tambem fey que tem determinado,
De vir por agoa a terra muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado,
Que da tenção danada nasce o medo:
Tu deues de yr tambem cos teus armado
Esperallo em cilada, occulto & quedo:
Por que faindo a gente descuydada,
Cairão facilmente na cilada.

E fe inda não ficarem deste geito,
Destruydos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito,
Outra manha & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, & tam prudente,
Que os leue aonde feirão destruydos,
Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que eftas palauras acabou,
O Mauro nos tais cafos, fabio & velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal confelho:
E logo neffe instante concertou,
Pera a guerra o beligero aparelho:
Pera que ao Portugues fe lhe tornaffe,
Em roxo fangue a agoa que bufcaffe.

E bufca mais pera o cuydado engano,
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,
Sagaz, aftuto, & fabio em todo o dano
De quem fiar fe poffa hum feito grande,
Dizlhe que acompanhando o Lufitano,
Por tais coftas, & mares co elle ande:
Que fe daqui efcapar, que la diante
Va cair onde nunca fe aleuante.

Ia o rayo Apolina vifitaua,
Os Montes Nabatheos acendido,
Quando Gama cos feus determinaua,
De vir por agoa a terra apercebido:
A gente nos bateis fe concertaua,
Como fe foffe o engano ja fabido:
Mas pode fofpeitarfe facilmente,
Que o coração prefago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,
De antes pelo Piloto neceffario:
E foilhe respondido em fom de guerra,
Cafo do que cuydaua muy contrario:
Por ifto, & porque fabe quanto erra,
Quem fe cre de feu perfido aduerfario,
Apercebido vay como podia,
Em tres bateis fomite que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,
Por lhe defender a agoa defejada,
Hum de efculo embarcado, & de azagaya,
Outro de arco encuruado, & feta eruada:
Efperão que a guerreira gente faya,
Outros muytos ja poftos em cillada.
E porque o cafo leue fe lhe faça,
Poem hūs poucos diante por negaça.

Andão pela ribeira alua arenofa,
Os belicofos Mouros acenando,
Com a adarga, & co a aftea perigofa,

Os fortes Portugueſes incitando:
Nam foffre muito a gente generofa,
Andarlhe os cães os dentes amoftrando.
Qualquer em terra falta, tam ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro fanguino, o ledó amante,
Vendo a fermofa dama defejada,
O Touro bufca, & pondo fe diante,
Salta, corre, fibila, acena, & brada:
Mas o animal atroçe neſſe instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, & os olhos cerra,
Derriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo fe leuanta,
Na furiofa & dura artilheria,
A plumbea pela mata, o brado efpanta:
Ferido o ar retumba, & affouia:
O coração dos Mouros fe quebranta,
O temor grande o fangue lhe refria.
Ia foge o efcondido de medrofo,
E morre o defcuberto auenturofo.

Não fe contenta a gente Portugueſa:
Mas feguindo a victoria eſtrue, & mata
A pouoação fem muro, & fem defefa,
Esbombardea, acende, & desbarata.
Da caualgada ao Mouro ja lhe pefa,
Que bem cuidou comprala mais barata:
Ia blasfema da guerra, & maldizia,
O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a feta o Mouro vay tirando,
Sem força, de couarde, & de apreſſado,
A pedra, o pao, & o canto arremeſſando,
Dalhe armas o furor defatinado:
Ia a Ilha, & todo o mais, defemparando,
Aa terra firme foge amedrontado.
Paffa, & corta do mar o eſtreito braço,
Que a Ilha em torno cerca, em pouco eſpaço.

Hũs vão nas almádias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem fe affoga nas ondas encuruadas,
Quem bebe o mar, & o deita juntamente:
Arrombão as meudas bombardadas
Os Pangaioſ fotis da bruta gente.
Desta arte o Portugueſ em fim caſtiga,

A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão victoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
E vão a feu prazer fazer agoada,
Sem achar refistencia, nem defesa
Ficaua a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca acesa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,
O Regedor daquela única terra,
Sem fer dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra.
Pera os guiar aa morte lhe mandava,
Como em final das pazes que tratava.

O Capitão, que já lhe entam conuinha,
Tornar a feu caminho acostumado,
Que tempo concertado, & ventos tinha,
Pera yr buscar o Indo desejado.
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle alegremente agafalhado:
E respondendo ao mensageiro, a tento
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Anfitriote diuidia,
Das filhas de Nerão acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia.
O Capitão, que não cahia em nada,
Do enganofo ardil que o Mouro vrdia:
Delle muy largamente se informava,
Da India toda, & costas que passava:

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o maléuolo Baco lhe ensinára
De morte, ou captiueiro novos danos,
Antes que aa India chegue lhe prepara,
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara.
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

E diz lhe mais co falso pensamento,
Com que Synon os Phrigios enganou,

Que perto eftà hũa Ilha, cujo affento,
Pouo antigo Chriftão femp're abitou:
O Capitão que a tudo eftaua a tento,
Tanto co estas nouas fe alegrou,
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,
Que o leue aa terra onde efta gente eftaua.

Ho mesmo o falfo Mouro determina,
Que o feguro Chriftão lhe manda & pede,
Que a Ilha he poffuida da malina
Gente, que fegue o torpe Mahamede:
Aqui o engano & morte lhe imagina,
Porque em poder & forças muito excede
Aa Moçambique, efta Ilha que fe chama
Quíloa, muy conhecida pola fama.

Pera là fe inclinaua a leda frota:
Mas a Deofa em Cythere celebrada,
Vendo como deixaua a certa rota,
Por yr bufcar a morte não cuidada,
Não confente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrairos a defuia,
Donde o Piloto falfo a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,
Tal determinação leuar auante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em feu propofito constante,
Lhe diz, que pois as agoas difcorrendo,
Os leuàrão por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
Erão Chriftãos com Mouros juntamente.

Tambem nestas palauras lhe mentia,
Como por regimento em fim leuaua,
Que aqui gente de Chrifto não auia:
Mas a que a Mahamede celeebraua.
O Capitão que em tudo o mouro cria,
Virando as vellas, a Ilha demandaua:
Mas nam querendo a Deofa guardadora,
Nam entra pela barra, & furge fora.

Eftaua a Ilha aa terra tam chegada,
Que hum eftreito pequeno a diuidia,
Hũa cidade nella fituada,
Que na frente do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fora, ao longe defcobria,

Regida por hum Rei de antigua idade,
Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

E fendo a ella o Capitão chegado,
Eftranhamente ledó, porque espera
De poder ver o pouo baptizado,
Como o falfo Piloto lhe differa:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que ja fabia a gente que era,
Que Baco muito de antes o auifara,
Na forma doutro Mouro que tomàra.

O recado que trazem he de amigos:
Mas debaxo o veneno vem cuberto,
Que os penfamentos erão de inimigos,
Segundo foy o engano defcuberto.
O grandes & grauifsimos perigos,
O caminho de vida nunca certo:
Que aonde a gente poem fua efperança,
Tenha a vida tam pouca fegurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necefsidade auorrecida:
Onde pode acolherfe hum fraco humano,
Onde terà fegura a curta vida?
Que não fe arme, & fe indigne o Ceo fereno.
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

Canto Segundo

Ia neste tempo o lucido Planeta,
Que as horas vay do dia diftinguindo,
Chegaua aa defejada, & lenta Meta,
A luz Celefte aas gentes encobrindo:
E da cafa maritima fecreta,
Lhe eſtaua o Deos Nocturno a porta abrído:
Quando as infidas gentes ſe chegarão
Aas naos, que pouco auia que ancorarão

Dantre elles hum que traz encomendado,
O mortifero engano, aſſi dezia.
Capitão valeroſo, que cortado
Tens de Neptuno o reyno, & falſa via,
O Rei que manda eſta Ilha, aluoraçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que nam defeja mais que agafalharte,
Verte, & do neceſſario reformarte.

E porque eſtã em eſtremo defejoſo
De te ver, como coufa nomeada,
Te roga que de nada receoſo,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoſo,
Traras a gente debil, & canſada,
Diz que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a defejada,

E ſe buſcando vas mercadoria,
Que produze o aurifero Leuante,
Canella, Crauo, ardente eſpeciaria,
Ou Droga ſalutifera, & preſtante:
Ou ſe queres luzente pedraria,
O Rubí fino, o rigido Diamante:
Daqui leuaras tudo tam fobejo.
Com que faças o fim a teu defejo:

Ao menſageiro o Capitão reſponde,
As palauras do Rei agradecendo,
E diz que porque o Sol no mar ſe eſconde,
Não entra pera dentro obedecendo,
Porem que como a luz mostrar por onde
Va ſem perigo, a frota não temendo,
Comprirá ſem receio ſeu mandado,
Que a mais por tal ſenhor eſtã obrigado.

Perguntalhe despois, fe estão na terra
Chriftãos, como o Piloto lhe dizia,
O menfageiro aftuto que não erra,
Lhe diz, que a mais da gẽte em Chrifto cria:
Defta forte do peito lhe desterra
Toda a fofpeita, & cauta fantafia:
Por onde o Capitão feguramente,
Se fia da infiel, & falfa gente.

E de algũs que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhofos
Porque podeffem fer auenturados,
Em cafos defta forte duuidofos.
Manda dous mais fagazes, enfaitados,
Porque notem dos Mouros enganofos,
A Cidade, & poder, & porque vejão,
Os que Chriftãos, que fo tanto ver defejão.

E por eftes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que moftroua,
Tenha firme, fegura, limpa, & branda,
A qual bem ao contrario em tudo eftaua.
Ia a companhia perfida, enefanda
Das naos fe defpedia, & o mar cortaua,
Foram com geftos ledos, & fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

E despois que ao Rei apresentarão,
Co recado os presentes que trazião,
A Cidade correrão, & notarão
Muito menos daquillo que querião,
Que os Mouros cautelofos fe guardarão
De lhe moftremem tudo o que pedião.
Que onde reina a malicia, eftà o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle que fempre a mocidade
Tem no rofto perpetua, & foy nafcido
De duas mãis: que vrdia a falfidade,
Por ver o nauegante deftruydo:
Eftaua nũa cafa da Cidade,
Com rofto humano, & habito fingido
Mostrandofe Chriftão, & fabricaua
Hum altar fumptuofo que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto & Sancto fpirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a vnica Fenix virgem pura,

A companhia fancta eftà pintada,
Dos doze tam toruados na figura,
Como os que, fo das lingoas que cayrão,
De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baco estaua
Poem em terra os gíolhos, & os fentidos
Naquelle Deos, que o mundo gouernaua
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Panchaia odorifera queimaua
O Thioneû, & afsi por derradeiro
O falfo Deos adora o verdadeiro.

Aqui forão denoite agafalhados,
Com todo o bom, & honefto tratamento
Os dous Chriftãos, nam vendo que enganado
Os tinha o falfo, & fancto fingimento:
Mas afsi como os rayos espalhados
Do Sol forão no mundo, & num momento
Apareceo no rubido Orizonte,
Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornão da terra os Mouros co recado
Do Rei, pera que entrassem, & configo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem fe o Rei mostrou sincêro amigo:
E fendo o Portugues certificado,
De não auer receio de perigo.
E que gente de Chrifto em terra auia,
Dentro no falforio entrar queria

Dizem lhe os que mandou, que em terra vîrão,
Sacras aras, & facerdote fancto,
Que ali fe agafalhàrão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
E que no Rei, & gentes não sentirão
Senão contentamento, & gosto tanto:
Que não podia certo auer fofpeita,
Nũa mostra tão clara, & tão perfeita.

Co ifto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que fubião,
Que leuemente hum animo fe fia,
De mostras que tão certas parecião:
A nao da gente perfida fe enchia,
Deixando a bordo os barcos que trazião:
Alegres vinhão todos, porque crem
Que a prefa defejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,
Armas, & munições, que como viſſem
Que no Rio os nauios ancorauão,
Nelles ouſadamente fe fubiſſem:
E neſta treição determinauão,
Que os de Luſo de todo deſtruiffem:
E que incautos pagaffem deſte geito
O mal que em Moçambique tinham feito.

As ancoras tenaces vão leuando,
Com a nautica grita coſtumada,
Da proa as vellas ſos ao vento dando,
Inclinão pera a barra abaliſada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andaua ſempre a gente aſſinalada:
Vendo a cilada grande, & tam ſecreta,
Voa do Ceo ao Mar como hũa feta.

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no ſalgado Mar naſceo,
Das agoas o poder lhe obedecia.
E propondo lhe a cauſa a que deceo,
Com todos juntamente fe partia:
Pera eſtoruar que a armada não chegaffe
Aonde pera ſempre fe acabaffe.

Ia na agoa erguendo vão com grande preſſa,
Com as argenteas caudas branca eſcuma,
Cloto co peito corta, & atraueſſa
Com mais furor o Mar do que coſtuma.
Salta Nife, Nerine fe arremeſſa,
Por cima da agoa creſpa, em força fuma:
Abrem caminho as ondas encuruadas,
De temor das Nereidas apreſſadas.

Nos hombros de hum Tritão com geſto aceſo,
Vay a linda Dione furioſa,
Não fente quem a leua o doce peſo,
De ſoberbo, com carga tam fermoſa:
Ia chegão perto donde o vento teſo,
Enche as vellas da frota belicoſa.
Repartenſe, & rodeão neſſe instante
As naos ligeiras que hião por diante.

Poem fe a Deoſa com outras em dereito
Da proa capitaina, & ali fechando,
O caminho da barra eſtão de geito,

Que em vão affopra o vento, a vella inchado:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Pera detras a forte nao forçando.
Outras em derredor leuandoa eftauão,
E da barra inimiga a defuiauão.

Quaes pera a coua as pròuidas formigas,
Leuando o pefogrande acomodado,
As forças exercitão, de inimigas,
Do inimigo Inuerno congelado:
Ali fam feus trabalhos, & fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado.
Tais andauão as Nimphas eftorquando
Aa gente Portuguefa o fim nefando.

Torna pera detras a Nao forçada,
A pefar dos que leua, que gritando,
Mareão vellas, ferue a gente yrada,
O leme a hum bordo, & a outro atraueffando
O Mefre aftuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estaua hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

A celeuma medonha fe aleuanta,
No rudo Marinheiro que trabalha,
O grande eftroando, a Maura gente efpanta,
Como fe viffem horrida batalha:
Nam fabem a razão de furia tanta,
Nam fabem nefta preffa quem lhe valha,
Cuydão que feus enganos fam fabidos,
E que ande fer por iffo aqui punidos.

Eilos fubitamente fe lançauão,
A feus bateis veloces que trazião,
Outros encima o mar aleuantauão,
Saltando nagoa a nado fe acolhião:
De hum bordo & doutro fubito faltauão,
Que o medo os compelia do que vião.
Que antes querem ao mar auenturarfe,
Que nas mãos inimigas entregarfe.

Afsi como em feluatica alagoa,
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se fentem por ventura vir peffoa,
Estando fora da agoa incautamente,
Daqui, & dali faltando, o charco foa,
Por fogir do perigo que fe fente,
E acolhendo fe ao couto que conhecem,

Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Afsi fogem os Mouros, & o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiâra,
Crendo que feu engano eftaua noto,
Tambem foge faltando na agoa amara:
Mas por nam darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce, & cara:
A ancora folta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a eftranheza
Dos Mouros não cuidada, & juntamente,
O Piloto fugir lhe com prefteza,
Entende o que ordenaua a bruta gente,
E vendo fem contraste, & fem braueza
Dos ventos, ou das, agoas fem corrente,
Que a Nao paffar auante não podia,
Auendo o por milagre afsi dezia.

O cafo grande, eftranho, & não cuydado,
O milagre clarifsimo, & euidente,
O defcuberto engano inopinado,
O perfida inimiga, & falfa gente,
Quem poderà do mal aparelhado
Liurarfe fem perigo fabiamente.
Se la de cima a guarda foberana,
Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos moftra a diuina prouidencia,
Destes portos, a pouca fegurança,
Bem claro temos vifto na apparencia,
Que era enganada a noffa confiança
Mas pois faber humano, nem prudencia
Enganos tam fingidos nam alcança:
O tu guarda diuina, tem cuidado
De quem fem ti nam pode fer guardado.

E fe te moue tanto a piedade,
Defta mifera gente peregrina,
Que fo por tua altifsima bondade,
Da gente a faluas, perfida & malina,
Nalgum porto feguro de verdade:
Conduzirmos ja agora determina,
Ou nos amoftra a terra que bufcamos,
Pois fo por teu feruiço nauegamos.

Ouuiolhe eftas palauras piadofas,
A fermofa Dione, & comouida,

Dantre as Nimphas fe vay, que faudofas
Ficarão defta fubita partida:
Ia penetra as Eftrellas luminofas,
Ia na terceyra Efphera recebida
Auante paffa, & la no fexto Ceo
Pera onde eftaua o Padre fe moueo.

E como hia afrontada do caminho
Tão fermofa no gefto fe mostraua,
Queas Eftrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,
E tudo quanto a via namoraua
Dos olhos, onde faz feu filho o ninho
Hūs efpíritos viuos inspiraua,
Com que os Polos gelados acendia,
E tornaua do Fogo a efphera fria.

E por mais namorar o foberano
Padre, de quem foy fempre amada, & cara
Se lhaprefenta afsi como ao Troyano,
Na felua Idea ja fe aprefentàra:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
Nunca os famintos galgos o matarão,
Que primeiro defejos o acabarão.

Os crefpos fios douro fe efparzião
Pelo colo, que a neue efcorecia,
Andando as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem Amor brincaua, & não fe via.
Da alua petrina flamas lhe faião,
Onde o minino as almas acendia.
Polas lifas colūnas lhe trepauão,
Defejos, que como Era fe enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo efconde, nem defcobre
O veio dos roxos lirios pouco auaro:
Mas pera que o defejo acenda, & dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
Ia fe fentem no Ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte:

E mostrando no angelico fembrante,
Co rifo hũa tristeza mifturada,
Como dama que foi do incauto amante,
Em brincos amorofos mal tratada,
Que fe aqueixa, & fe ri, num mefmo infãte,
E fe torna entre alegre maogada.

Defta arte a Deofa, a quem nenhũa iguala,
Mais mimofa que trifte ao Padre fala.

Sempre eu cuidey, ô Padre poderofa,
Que pera as coufas, que eu do peito amaffe
Te achaffe brando, affabil, & amorofa,
Pofto que a algum contrairo lhe pefaffe:
Mas pois que contra my te vejo yrofo,
Sem que to mereceffe, nem te erraffe.
Façafe como Baco determina,
Affentarey em fim que fuy mofina.

Efte pouo que he meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vão caidos vejo,
Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu defejo:
Por elle a ti rogando choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois porque o amo he mal tratado,
Quero lhe querer mal, fera guardado.

Mas mouro em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fuy: & nifto de mimofa
O rosto banha, em lagrimas ardentes,
Como co orualho fica a frefca rofa.
Calada hum pouco, como fe entre os dentes
Lhe impedira a falla piedofa.
Torna a feguila, & indo por diante,
Lhe atalha o poderofa, & grão Tonante.

E deftas brandas moftas comouido,
Que mouerão de hum Tigre o ptito duro,
Co vulto alegre, qual do Ceo fubido,
Torna fereno & claro o ar efcura.
As lagrimas lhe alimpa, & acendido
Na face a beija, & abraça o colo puro.
De modo que dali, fe fo fe achara,
Outro nouo Cupido fe gerara.

E co feu apertando o rofto amado,
Que os faluços, & lagrimas aumenta,
Como minino da ama castigado,
Que quem no affago o choro lhe acrecenta,
Por lhe por em foffego o peito yrado,
Muitos cafos futuros lhe aprefenta.
Dos fados as entranhas reuoluendo,
Defta maneira em fim lhe eftà dizendo.

Fermofa filha minha não temais

Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais,
Que effes chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo filha que vejais
Esquecerem-se Gregos & Romanos.
Pelos illustres feitos que esta gente,
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que fe o facundo Vlixis escapou,
De fer na Ogigia Ilha, eterno escrauo:
E fe Antenor os feios penetrou,
Iliricos, & a fonte de Timauro.
E fe o piadofo Eneas nauegou,
De Scila, & de Caribdis o Mar brauo.
Os vossos mões coufas atentando,
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, Cidades, & altos muros,
Por elles vereis filha edificados:
Os Turcos belacifsimos & duros,
Delles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da India liures, & seguros,
Vereis ao Rei potente fojugados.
E por elles de tudo em fim fenhores,
Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora prefurofo,
Por tantos medos o Indo vay buscando,
Tremar delle Neptuno de medrofo,
Sem vento fuas agoas encrespando.
O cafo nunca visto, & milagrofo
Que trema, & ferua o Mar em calma estado?
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
Que inda ha de fer hum porto muy decente,
Em que vão descansar da longa via,
As naos que nauegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora vrdia,
O mortifero engano, obediente,
Lhe pagará tributos, conhecendo,
Não poder refistir ao Lufo horrendo:

E vereis o Mar roxo tam famofo,
Tornar felhe amarello de infiado:
Vereis de Ormuz o Reino poderoso,
Duas vezes tomado, & fojugado.
Ali vereis o Mouro furiofo,

De fuas mefmas fetas trapaffado.
Que quem vay contra os voffos, claro veja,
Que fe refifte, contra fi peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio fortes,
Que dous cercos terá, dos voffos fendo:
Ali fe mostrarà feu preço, & forte,
Feitos de armas grandíffimos fazendo.
Enuejofo vereis o grão Mauorte,
Do peito Lufitano, fero & horrendo.
Do Mouro ali verão que a voz extrema,
Do falfo Mahamede ao Ceo blasfema.

Goa vereis aos Mouros fer tomada,
A qual virá defpois a fer fenhora,
De todo o Oriente, & fublimada
Cos triumphos da gente vencedora.
Ali foberba altiua, & exalçada,
Ao Gentio que os Idolos adora.
Duro freo porà, & a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos voffos guerra.

Vereis a fortaleza fustentarfe,
De Cananor, com pouca força & gente:
E vereis Calecu desbaratarfe,
Cidade populofa, & tam potente.
E vereis em Cochim afsinalarfe,
Tanto hum peito foberbo, & infolente,
Que Cítara ja mais cantou victoria,
Que afsi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furiofo,
Se vio feruer Leucate, quando Augufto
Nas ciuís Actias guerras animofo,
O Capitão venceo Romano injufto,
Que dos pouos de Aurora, & do famofo
Nilo, & do Bactra Scitico, & robusto,
A victoria trazia, & prefa rica,
Prefo da Egipcia linda & não pudica.

Como vereis o mar feruendo acefo,
Cos incendios dos voffos pelejando,
Leuando o Idololatra, & o Mouro prefo,
De nações differentes triumphando.
E fogeita a rica Aurea Cherfonefo,
Ate o longico China nauegando.
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Serlhe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,
Amoftrarão esforço mais que humano,
Que nunca fe vera tam forte peito,
Do Gangetico mar ao Geditano,
Nem das Boreais ondas, ao Eftreito,
Que moftrou o agrauado Lufitano:
Pofto que em todo o mundo, de affrontados
Refucitaffem todos os paffados.

Como isto diffe, manda o confagrado
Filho de Maia aa terra, porque tenha,
Hum pacifico porto, & foffegado,
Pera onde fem receyo a frota venha:
E pera que em Mombaça, auenturado
O forte Capitão fe não detenha,
Lhe mãda mais, que em fonhos lhe mofttraffe
A terra, onde quieto repoufaffe.

Ia pelo ar o Cylenêo voaua,
Com as afas nos pêas aa terra deçe,
Sua vara fatal na mão leuaua,
Com que os olhos cançados adormece:
Com eſta, as triftes almas reuocaua,
Do Inferno, & o vento lhe obedeçe.
Na cabeça o galêro coſtumado,
E deſta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,
Do Lufitano, o preço grande, & raro,
Que o nome illuſtre a hũ certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado & caro.
Deſta arte vay fazendo a gente amiga,
Co rumor famofiſſimo, & perclaro.
Ia Melinde em defejos arde todo,
De ver da gente forte o geſto, & modo.

Dali pera Mombaça logo parte,
Aonde as naos eſtauão temerofas,
Pera que aa gente mando que fe aparte
Da barra imiga, & terras foſpeitoſas:
Porque muy pouco val eſforço, & arte,
Contra infernais vontades enganofas:
Pouco val coração, aſtucia , & fifo,
Se la dos Ceos nam vem celeſte auifo.

Meyo caminho a noite tinha andado,
E as Eſtrellas no Ceo co a luz alheia,
Tinhão o largo Mundo alumiado,
E fo co fono a gente fe recreia.

O Capitão illuftre, ja canfado,
De vigiar a noite, que arreceia,
Breue repoufo antam aos olhos daua,
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em fonhos lhe aparece,
Dizendo, fuge, fuge Lufitano,
Da cilada que o Rei malicado teçe,
Por te trazer ao fim, & extremo dano,
Fuge, que o Vento, & o Ceo te fauoreçe,
Seren o tempo tês, & o Occeano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes feguro agafalharte.

Não tens aqui fe não aparelhado,
O hospicio que o cru Diomedes daua,
Fazendo fer manjar acostumado,
De caualllos a gente que hofpedaua:
As aras do Bufiris infamado,
Onde os hofpedes tristes imolaua
Teràs certas aqui fe muito efperas,
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite ao longo da cofta difcorrendo,
E outra terra acharàs de mais verdade
La quafi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gafalhado feguro te daria,
E pera a India certa & fabia guia.

Isto Mercurio diffe, & o fono leua
Ao Capitão, que com muy grande efpanto
Acorda, & ve ferida a efcura treua,
De hũa fubita luz, & rayo fancto:
E vendo claro quanto lhe releua,
Não fe deter na terra iniqua tanto.
Com nouo fprito ao Mestre feu mandaua,
Que as vellas deffe ao vento que affopraua.

Day vellas, diffe, day ao largo vento,
Que o Ceo nos fauoreçe, & Deos o manda,
Que hum menfageiro vi do claro affento
Que fo em fauor de noffos paffos ando:
Aleuantafe nifto o mouimento,
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,
Leuão gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que fe estima.

Neste tempo, que as ancoras leuauão,
Na fombra escura os Mouros escondidos,
Manfamente as amarras lhe cortauão,
Por ferem, dando aa costa, destruydos:
Mas com vista de Lincez vigiauão,
Os Portuguezes sempre apercebidos.
Elles como acordados os fentirão,
Voando, & não remando lhe fogirão.

Mas ja as agudas proas apartando,
Hião as vias humidas de argento,
Affopralhe galerno o vento, & brando,
Com fuaue & feguro mouimento,
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento,
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em faluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
E noutra começaua, quando virão
Ao longe dous nauios, brandamente
Cos ventos nauegando, que respirão,
Porque auião de fer da Maura gente,
Pera elles arribando, as vellas virão.
Hum de temor do mal que arreceaua,
Por se faluar a gente aa costa daua.

Não he o outro que fica tão manhoso:
Mas nas mãos vay cair do Lufitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E fem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil & medroso,
Da pouca gente o fraco peito humano:
Não teue refistencia, & se a tiuêra,
Mais dâno resistindo recebêra.

E como o Gama muito desejava,
Piloto pera a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:
Mas não lhe foccedeo como cuidava,
Que nenhum delles ha que lhe infinaffe
A que parte dos Ceos a India estaua.
Porem dizem lhe todos, que tem perto,
Melinde onde acharão Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,
Condiçam liberal, sincero peito,
Mognificencia grande, & humanidade,

Com partes de grandíssimo respeito.
O Capitão o affella por verdade,
Porque ja lho differa deste geito,
O Cydenêo em fonhos, & partia,
Pera onde o fonho, & o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre quando entraua,
No roubador de Europa a luz Febea,
Quando hum, & o outro corno lhe aquentaua
E Flora derramaua o de Amalthea:
A memoria do dia renouaua,
O prefurofo Sol, que o Ceo rodea.
Em que aquelle, a quem tudo eftà fogeito,
O fello pos a quanto tinha feito.

Quando chegaua a frota aaquella parte,
Onde o Reino Melinde ja fe via,
De toldos adornada, & leda de arte
Que bem mostra eftimar o Sancto dia:
Treme a Bandeira, voa o Eftandarte,
A cor porpurea ao longe aparecia.
São os atambores & pandeiros,
E afsi entraão ledos & guerreiros.

Enche fe toda a praya Molindana,
Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, & mais humana
Que toda a doutra terra atras deixada.
Surge diante a frota Lufitana,
Pega no findo a ancora pefada.
Mandão fora hum dos Mouros q̃ tomãrão,
Por quem fua vinda ao Rei manifetãrão.

O Rei que ja fabia da nobreza
que tanto os Portuguefes engrandece,
Tomarem o feu porto tanto preza,
Quanto a gente fortíssima merece:
E com verdadeiro animo, & pureza,
Que os peitos generofos ennobrece.
Lhe manda rogar muyto que faiffem,
Pera que de feus Reinos fe feruiffem:

Sam offerecimentos verdadeiros,
E palauras finceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,
Que tanto mar & terras tem paffadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas çeuadas,
Com as fructas que antam na terra auia,

E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitão alegremente
O menfageiro ledó, & feu recado,
E logo manda ao Rei outro prefente,
Que de longe trazia aparelhado:
Efcarlata purpurea, cor ardente,
O ramofo coral fino, & prezado.
Que debaxo das agoas mole creçe,
E como he fora dellas fe endureçe.

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co Rei nobre as pazes concertaffe,
E que de não fair naquelle instante,
De fuas naos em terra o defculpaffe.
Partido afsi o embaixador preftante,
Como na terra ao Rei fe apresentaffe:
Com eftillo que Palas lhe enfinaua,
Estas palauras tais fallando oraua.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
Foy da fuma Iuftiça concedido,
Refrear o foberbo pouo duro,
Não menos delle amado, que temido,
Como porto muy forte, & muy feguro,
De todo o Oriente conhecido:
Te vimos a bufcar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

Não fomos roubadores, que paffando
Pelas fracas cidades defcuidadas,
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:
Mas da foberba Europa nauegando,
Himos bufcando as terras apartadas
Da India grande, & rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, & fublimado.

Que geração tam dura ahi de gente?
Que barbaro costume, & vfança fea,
Que não vedem os pertos, tam fomente:
Mas inda o hospicio da deferta area?
Que ma tençam? que peito em nos fe fente?
Que de tam pouca gente fe arrecea.
Que com laços armados tam fingidos,
Nos ordenaffem vernos deftruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos
Acharfe mais verdade, o Rei benigno,

E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teue o perdido Itaco em Alcino:
A teu porto feguros nauegamos,
Conduzidos do interprete diuino.
Que pois a ti nos manda, eſtã muy claro,
Que es de peito fincêro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rei, que não faiffe.
O noſſo Capitão eſclarecido
A verte, ou a feruirte, porque viſſe
Ou ſoſpeitaſſe em ti peito fingido:
Mas faberas que o fez porque compriffe,
O regimento em tudo obedecido,
De feu Rei, que lhe manda que nam faia,
Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.

E porque he de vaffalos, o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça
Não quereras, pois tês de Rei o officio,
Que ninguem a fêu Rei defobedeça:
Mas as merçes, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquillo que elle & os feus poderem,
Em quanto os rios pera o mar correrem.

Aſſi dizia, & todos juntamente,
Hũs com outros em pratica fallando,
Louuauão muito o eſtamago da gente,
Que tantos Ceos & mares vai paſſando,
E o Rei illuſtre, o peito obediente,
Dos Portugueſes, na alma imaginando.
Tinha por valor grande, & muy ſubido,
O do Rei que he tam longe obedecido.

E com riftonha viſta, & ledto aſpeito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima
Toda a ſoſpeita mà tiray do peito,
Nenhum frio temor em vos ſe imprima:
Que voſſo preço, & obras ſam de geito,
Pera vos ter o mundo em muyta eſtima.
E quem vos fez molleſto tratamento,
Não pode ter ſobido penſamento.

De não fair em terra toda a gente,
Por obſeruar a vſado preminencia,
Ainda que me peſe eſtranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas ſe lho o regimento não confente,
Nem eu confentirey que a excellencia,

De peitos tão leais em fi desfaça,
So perque a meu defejo fatisfaça.

Porem como a luz crastina chegada,
Ao mundo for, em minhas almãdias,
Eu irey vifitar a forte armada,
Que ver tanto defejo, ha tantos dias.
E fe vier do mar desbaratada,
Do furiofo vento, & longas vias:
Aqui tera, de limpos penfamentos
Piloto, munições, & mantimentos.

Isto diffe, & nas agoas fe efcondia,
O filho de Latona, & o menfageiro
Co a embaixada alegre fe partia
Pera a frota, no feu batel ligeiro:
Enchem fe os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Pera acharem a terra que bufcauão,
E afsi ledos a noite festejauão.

Não faltão ali os rayos de arteficio,
Os tremulos Cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros feu officio:
O ceo, a terra, & as ondas atroando.
Mostrafe dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estão queimando,
Outros com vozes, com que o Ceo ferião.
Infrumentos altiffonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,
Co rayo volteando, com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o po fulfureo efcondido:
A grita fe aleuanta ao Ceo, da gente,
O Mar fe via em fogos acendido:
E não menos a terra, & afsi festeja
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
As gentes incitaua a feu trabalho,
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,
Ao fono longo punha certo atalho:
Hião fe as fombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orualho,
Quando o Rei Milindano fe embarcaua
A ver a frota que no mar estaua.

Vião fe em derredor feruer as prayas

Da gente, que a ver fô concorre leda,
Luzem da fina purpura as cabaiaas,
Lustrão os panos da tecida feda:
Em lugar de guerreiras a zagaiaas
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado
Venha de fedas de diuerfas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de feu Reino, & de fenhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo feus costumes, & primores.
Na cabeça hũa fota guarnecida,
De ouro, & de feda, & de algodão tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,
Da Tíria cor, entre elles estimada,
Hum colar ao pescoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada,
Cum resplendor reluze Adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem laurada.
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

Com hum redondo emparo alto de feda,
Nũa alta & dourada astea enxerido,
Hum ministro aa foliar quentura veda,
Que não offenda & queime o Rei fubido:
Mufica traz na proa, estranha & leda,
De aspero som, horrifimo ao ouuido:
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lufitano,
Nos feus bateis da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrofa & honrada companhia:
Vestido o Gama vem ao modo Hispano:
Mas Francefa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmefi, cor que a gente tanto preza.

De botões dourado as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega:
As calças foldadefcas recamadas,
Do metal que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do mesmo delicadas,

Os golpes do gibão ajunta, & achega:
Ao Italico modo a aurea espada,
Pruma na gorra, hum pouco declinada.

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dá o Múrice excelente,
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do traje diferente:
Tal o fermofo esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente:
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorofas trombetas incitauão,
Os animos alegres refoando,
Dos Mouros os bateis o Mar co lhauão,
Os toldos pelas agoas arrojando:
As bombardas horriffonas bramando,
Com as nuuês de fumo o Sol tomando,
Ameudam se os brados acendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

Ia no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o leuava,
Elle coa cortesia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
Cúas mostras de espanto, & admiração,
O Mouro o gesto, & o modo lhe notoua,
Como quem em muy grande estima tinha,
Gente que de tam longe à India vinha.

E com grandes palauras lhe offereçe,
Tudo o que de seus Reinos lhe compriffe,
E que se mantimento lhe falleçe,
Como se proprio fosse lho pediffe:
Diz lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lufitana, sem que a viffe.
Que já ouuio dizer, que noutra terra
Com gente de sua ley tiueffe guerra.

E como por toda Affrica se foa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharão a coroa
Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:
E com muitas palauras apregoa,
O menos que os de Lufo merecerão:
E o mais que pela fama o Rei fabia:
Mas desta forte o Gama respondia.

O tu que fo tiueste piedade,
Rei benigno, da gente Lufitana,
Que com tanta miseria, & aduerfidade,
Doe mares experimenta a furia infana.
Aquella alta, & diuina eternidade,
Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nos outros não pedemos.

Tu fo de todos quantos queima Apolo,
Nos recibes em paz do Mar profundo
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achamos bom, fido, & jocundo.
Em quanto apacentar o largo Polo,
As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria,
Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,
Pera a frota, que o Mouro ver defeja,,
Vão as naos, hũa & hũa rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangião,
Cos anafis os Mouros respondião.

Mas de pois de fer tudo ja notado,
Do generofo Mouro, que pafmaua,
Ouuindo o instrumento inufitado,
Que tamanho terror em fi mostraua,
Mandaua estar quieto, & ancorado,
Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,
Por fallar de vagar co forte Gama,
Nas coufas de que tem noticia, & fama.

Em praticas o Mouro diferentes,
Se deleitaua, perguntando agora,
Pelas guerras famofas & excelentes,
Co pouo áuidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hispheria vltima, onde mora:
Agora pelos pouos feus vezinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valerofo Capitão,
Nos conta, lhe dezia, diligente,
Da terra tua o clima, & região
Do Mundo onde morais diftintamente,

E afsi de voffa antiga geração,
E o principio do Reino tam potente:
Cos fucceffos das guerras do começo,
Que fem fabellas, fey que fam de preço.

E afsi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o Mar yrado,
Vendo os coftumes barbaros alheios,
Que a noffa Affrica ruda tem criado
Conta: que agora vem cos aureos freios,
Os caualllos que o carro marchetado,
Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
O Vento dorme, o Mar & as ondas jazem.

E não menos co tempo fe parece,
O defejo de ouuirte o que contares,
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguefas fingulares:
Não tanto defuiado refplandeçe,
De nos o claro Sol, pera julgares.
Que os Melindanos tem tam rudo peito,
Que não eftimem muito hum grande feito.

Cometerão foberbos os Gigantes,
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,
Tentou Peritho, & Thefeu, de ignorantes,
O Reino de Plutão horrendo & efcurro,
Se ouue feitos no mundo tam poffantes,
Não menos he trabalho illuftre, & duro,
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o fagrado templo de Diana,
Do futil Tefifonio fabricado,
Horoftrato, por fer da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana,
O defejo de hum nome auentajado.
Mais razão ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.

Canto Terceiro

Agora tu Caliope me enfina,
O que contou ao Rei, o illustre Gama:
Inspira immortal canto, & voz diuina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Afsi o claro inuentor da Medicina,
De quem Orpheo parifte, o linda Dama:
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothôe
Te negue o Amor diuido, como foe.

Poem tu Nimfa em effeito meu defejo,
Como mereçe a gente Lufitana,
Que veja & faiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre & mana,
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banharme Apolo na agoa foberana.
Senão direy, que tês algum receio,
Que fe escureça o teu querido Orpheio.

Promptos estauão todos escuitando,
O que o fublime Gama contaria
Quando, despois de hum pouco estar cuidão,
Aleuantando o rofto, afsi dizia:
Mandas me, o Rei, que conte declarando,
De minha gente a grão geanalofia:
Não me manda contar estranha hiftoria:
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem poffa louuar esforço alheio,
Coufa he que fe coftuma, & fe defeja:
Mas louuar os meus proprios, arreceio,
Que louuor tão fosperto mal me esteja,
E pera dizer tudo, temo & creio,
Que qualquer longo tempo curto feja:
Mas pois o mandas, tudo fe te deue,
Irey contra o que deuo, & ferey breue.

Alem diffo, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que differ,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas perque nisto a ordem leue & figa,
Segundo o que defejas de faber.
Primeiro tratarey da larga terra,
Despois direy da fanguinofa guerra.

Entre a Zona que o Cancro fenhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria fe arrecea
Tanto, como a do meyo por ardente,
Iaz a foberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
Com fuas falfas ondas o Occeano,
E pela Auftral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Afia fe auizinha: mas o Rio
Que dos montes Rifeios vay correndo,
Na alagoa Meotis, curuo & frio
As diuide: & o Mar, que fero & horrendo
Vio dos Gregos o yrado fenhorio:
Onde agora de Troia triunfante,
Não vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,
Os montes Hyperboreos aparecem,
E aquelles onde fempre fopra Eolo,
E co nome do fopros, fe ennobrecem,
Aqui tam pouca força tem de Apolo,
Os rayos que no mundo refplandecem.
Que a neue eftà contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas fempre as fontes.

Aqui dos Cytas, grande quantidade
Viuem, que antigamente grande guerra
Tiuerão, fobre a humana antiguidade,
Cos que tinham tão a Egipcia terra:
Mas quem tão fera estaua da verdade,
(Ia que o juyzo humano tanto erra:)
Pera que do mais certo fe informàra,
Ao campo Damasceno o perguntàra.

Agora nefas partes fe nomea,
A Lapia fria, a inculta Noruega,
Efcandinauia Ilha, que fe arrea,
Das victorias que Italia não lhe nega
Aqui, em quanto as agoas não refrea,
O congelado Inuerno, fe nauega.
Hum braço do Sarmatico Occeoano,
Pelo Brufio, Suecio, & frio Dano.

Entre efte Mar, & o Tanais viue eftranha
Gente, Ruthenos, Mofcos, & Liunios,
Sarmatas outro tempo, & na montanha
Hircinia, os Marcomanos fam Polonios

Sugeitos ao Imperio de Alemanha,
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,
E outras varias nações, que o Reno frio
Laua, & o Danubio, Amafis, & Albis Rio.

Entre o remoto Iftro, & o claro estreito,
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte, patria tam querida,
Onde co Hemo, o Rodope fugeito
Ao Otomano està, que fometida,
Bizancio tem a feu feruiço indino,
Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem laua do Axio a agoa fria:
E vos tamhem, o terras excelentes,
Nos costumes, engenhos, & oufadia,
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia:
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no feio,
Onde Antenor ja muros leuantou,
A soberba Veneza està no meio
Das agoas, que tam baxa começou
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias fogueitou,
Braço forte, de gente fublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pela meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:
Pobre està ja de antiga potestade,
Tanto Deos fe contenta de humildade.

Galia ali fe verà, que nomeada,
Cos Cefareos Triumfos foy no mundo,
Que do Sequana, & Rôdano he regada,
E do Garuna frio, & Reno fundo:
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene fe aleuantão, que fegundo
Antiguidades contão, quando arderão,
Rios de ouro, & de prata antão corrêrão.

Eis aqui fe descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo fenhório & gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá, com força, ou manha,
A fortuna inquieta porlhe noda:
Que lha não tire o esforço & oufadia,
Dos belicofos peitos, que em fi cria.

Com Tingitania entesta, & ali parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o fabido estreito fe ennobrece,
Co extremo trabalho do Thebano:
Com nações diferentes fe engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano.
Todas de tal nobreza, & tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

Tem o Tarragones, que fe fez claro,
Sujeitando Partênopo inquieta,
O Nauarro, as Asturias, que reparo
Ia forão, contra a gente Mohometa,
Tem o Galego cauto, & o grande & raro
Castelhano, a quem fez o feu Planeta,
Restituidor de Espanha, & fenhor della,
Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quafi cume da cabeça,
De Europa toda, o Reino Lufitano,
Onde a Terra fe acaba, & o Mar começa,
E onde Febo repoufa no Oceano:
Este quis o Ceo jufto, que floreça
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deitando o de fi fora, & la na ardente
Affrica estar quieto o nam confente.

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual fe o Ceo me da, que eu fem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
Esta foy Lufitania diriuada,
De Lufo, ou Lyfa: que de Bacho antigo,
Filhos forão parece, ou companheiros,
E nella antam os Incolas primeiros.

Desta o Pastor nasceo, que no feu nome
Se ve, que de homem forte os feitos teue,
Cuja fama, ninguem virà que dome,

Pois a grande de Roma não fe atreue:
Efta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando a Reino illustre, & foi defta arte.

Hum Rei, por nome Affonfo, foy na Eſpanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas fanguinas, força & manha
A muitos fez perder a vida, & a terra:
Voando defte Rei a fama eſtranha,
Do Herculano Calpe aa Caſpia ferra,
Muitos, pera na guerra eſclarecerſe,
Vinhão a elle, & aa morte offerecerſe.

E com hum amor intrinfeco acendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, & proprios lares
Deſpois que em feitos altos & fubidos.
Se moſtrarão nas armas fingulares.
Quis o famoſo Affonfo, que obras tais,
Leuaffem premio digno, & dões agoais.

Deſtes Anrique dizem que fegundo,
Filho de hum Rei de Vngria exprimentado,
Portugal ouue em forte, que no Mundo
Entam não era illustre, nem prezado:
E pera mais final damor profundo,
Quis o Rei Caſtelhano, que caſado,
Com Tereſa ſua filha o Conde foffe,
E com ella das terras tomou poſſe.

Eſte deſpois que contra os deſcendentes,
Da eſcraua Agar, victorias grandes teue,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a ſeu forte peito deue.
Em premio deſtes feitos excellentes,
Deulhe o ſupremo Deos, em tempo breue,
Hum filho, que illuſtraſſe o nome vſano
Do belicoſo Reino Luſitano.

Ia tinha vindo Anrique da conquista,
Da cidade Hyerofolima ſagrada,
E do Iordão a area tinha viſta,
Que vio de Deos a carne em fi lauada,
Que não tendo Gotfredo a quem refiſta,
Depois de ter Iudea fojugada.
Muitos que neſtas guerras o ajudárão,

Pera feus fenhorios fe tornàrão.

Quando chegado ao fim de fua idade,
O forte & famofo Vngaro estremado,
Forçado da fatal necefsidade,
O fpirito deu, a quem lho tinha dado:
Ficaua o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixaua feu traflado:
Que do Mundo os mais fortes igualaua,
Que de tal pay tal filho fe efperaua.

Mas o velho rumor, não fey fe errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãy tomando todo o eftado
Do fegundo Hymeneo, não fe despreza:
O filho orfão deixaua deferdado,
Dizendo que nas terras, a grandeza
Do fenhorio todo, fo fua era,
Porque pera cafar feu pay lhas dera.

Mas o Principe Affonfo, que defta arte
Se chamaua, do Auô tomando o nome,
Vendofe em fuas terras não ter parte,
Que a mãy com feu marido as mãda & come,
Feruendo lhe no peito o duro Marte,
Imagina configo como as tome.
Reuoluidas as caufas no conceito,
Ao propofito firme fegue o effeito.

De Guimarães o campo fe tingia,
Co fangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãy que tam pouco o perecia,
A feu filho negaua o amor, & a terra,
Co elle posta em campo ja fe via,
E não ve a foberba, o muito que erra.
Contra Deos, contra o maternal amor:
Mas nella o fenfual era maior.

O Progne crua, o magica Medea,
Se em voffos propios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhay que inda Terefa peca mais:
Incontinencia ma, cubiça fea,
São as caufas deste erro principais.
Scilla por hũa mata o velho pay,
Efta por ambas, contra o filho vay.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,
Do padrasto & da inica mãy leuaua,

Ia lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejava.
Porem vencido de Ira o entendimento,
A mãy em ferros asperos ataua:
Mas de Deos foi vingada em tempo breue,
Tanta veneração aos pais fe deue.

Eis fe ajunta o foberbo Castelhana,
Pera vingar a injuria de Tereja,
Contra o tam raro em gente Lufitano,
A quem nenhum trabalho agraua, ou pefa:
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica defefa.
Não fo contra tal furia fe fustenta:
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não paffa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães esta cercado,
De infinito poder, que desta forte,
Foy refazerfe o inimigo magoadado:
Mas com fe offerecer aa dura morte,
O fiel Egas amo, foy liurado.
Que de outra arte podêra fer perdido,
Segundo estaua mal apercebido.

Mas o leal vaffallo conhecendo,
Que feu fenhora não tinha refistencia,
Se vay ao Castelhano, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia.
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promeffa, & consciencia
De Egas moniz mas não consente o peito
Do moço illufre, a outrem fer fogeito.

Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhana ja agoardaua,
Que o Principe a feu mando fometido,
Lhe deffe a obediencia que esperaua.
Vendo Egas, que ficaua fementido,
O que delle Castella não cuydaua,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palaura mal comprida.

E com feus filhos & molher fe parte,
A aleuantar co elles a fiança,
Defcalços, & despidos, de tal arte,
Que mais moue a piedade que a vingança.
Se pretendes Rei alto de vingarte,
De minha temeraria confiança,

Dizia, eis aqui venho offerecido,
A te pagar co a vida o prometido.

Ves aqui trago as vidas inocentes,
Dos filhos fem peccado, & da conforte,
Se a peitos generofos, & excellentes,
Dos fracos fatisfaz a fera morte.
Ves aqui as mãos, & a lingoa delinquentes,
Nellas fos exprimenta, toda forte
De tormentos, de mortes, pelo eftillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,
Que ja na vido a morte tem bebido,
Poem no çepo a garganta: & ja entregado,
Efpera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indinado,
Egas eftaua a tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a eftranha lealdade,
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

O grão fidelidade Portuguefa,
De vaffallo, que a tanto fe obrigaua,
Que mais o Perfa fez naquella emprefa,
Onde rofto & narizes fe cortaua,
Do que ao grande Dario tanto pefa,
Que mil vezes dizendo fufpiraua.
Que mais o feu Zopiro fão prezâra,
Que vinte Babilonias que tomàra

Mas ja o Principe Affonfo aparelhaua,
O Lufitano exercito ditofo,
Contra o Mouro que as terras habitaua,
Dalem do claro Tejo deleitofo:
Ia no campo de Ourique fe affentaua,
O arraial foberbo, & belicofo:
Defronte do inimigo Sarraceno,
Pofto que em força, & gente tam pequeno.

Em nenhũa outra coufa confiado,
Senão no fummo Deos, que o Ceo regia,
Que tam pouco era o pouo bautizado,
Que pera hum fo cem Mouros aueria.
Iulga qualquer juyzo foffegado,
Por mais temeridade que oufadia,
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que pera hum caualleiro ouueffe cento.

Cinco Reis Mouros fam os inimigos,

Dos quaes o principal Ismar fe chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde fe alcança a illustre fama:
Seguem guerreiras Damas seus amigos,
Imitando a fermofa & forte Dama,
De quem tanto os Troyanos fe ajudâão,
E as que o Termodonte ja goftâão.

A matutina luz ferena, & fria,
As Estrellas do Pollo ja apartaua,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amoftrando fe a Affonfo o animaua:
Elle adorando quem lhe aparecia,
Na Fê todo inflamado afsi gritaua.
Aos infieis Senhor, aos infieis,
E não a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente
Portuguefa, inflamados leuantauão,
Por feu Rei natural, efte excelente
Principe, que do peito tanto amauão:
E diante do exercito potente,
Dos imigos, gritando o ceo tocauão:
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonfo alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,
Pola montanha o rabido Molofo,
Contra o Touro remete, que fiado
Na força eftà do corno temerofo:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçofo,
Ate que em fim rompendolhe a garganta,
Do brauo a força horrenda fe quebranta.

Tal do Rei nouo, o eftamago acendido,
Por Deos & polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Co animofo exercito rompente:
Leuantão nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,
As lanças & arcos tomão, tubas foão,
Inftrumetos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateadada,
Foi nos aridos campos (afoprando
O fibilante Boreas) animada
Co vento, o feco mato vay queimando:
A paftoral companhia, que deitada,

Co doce fono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo que fe atea,
Recolhe o fato, & fuge pera a aldeia.

Defta arte o Mouro atonito & toruado,
Toma fem tento as armas muy deprefa,
Não fuge: mas espera confiado,
E o ginete belligero arremeffa:
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.
Hūs caem meios mortos, & outros vão
A ajuda conuocando do Alcorão.

Ali fe vem encontros temerofos,
Pera fe desfazer hũa alta ferra,
E os animais correndo furiofos,
Que Neptuno amoftrou ferindo a terra:
Golpes fe dão medonhos, & forçofos,
Por toda a parte andaua acefa a guerra:
Mas o de Lufo, arnes, couraça & malha,
Rompe, corta, desfaz, a bola & talha.

Cabeças pelo campo vão faltando,
Braços, pernas, fem dono & fem fentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Palida a cor, o gesto amortecido:
Ia perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do fangue desparzido
Com que tambem do campo a cor fe perde
Tornado Carmefi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lufitano
Recolhendo os trofeos & prefa rica,
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,
Tres dias o gram Rei no campo fica:
Aqui pinta no branco efculo vfano,
Que agora esta victoria certifica:
Cinco escudos azues efclarecidos,
Em final destes cinco Reis vencidos.

E neftes cinco efculos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido,
Efcreuendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foy fauorecido,
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque afsi fica o numero comprido:
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Paffado ja algum tempo, que paffada
Era esta grão victoria, o Rei fubido
A tomar vay Leiria, que tomada
Fora muy pouco auia, do vencido:
Com eſta a forte Arronches fojugada
Foy juntamente: & o fempre ennobrecido
Scabelicaftro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tam fereno.

A eſtas nobres villas fometidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco eſpaço,
E nas ferras da Lua conhecidas,
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
Sintra onde as Naiades efcondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
Onde Amor as enreda brandameme,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu nobre Lisboa, que no Mundo,
Facilmente das outras es princeſa,
Que edificada foſte do facundo,
Por cujo engano foy Dardania aceſa:
Tu a quem obedece o Mar profundo,
Obedeceſte aa força Portugueſa.
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos com tenção fancta erão partidos,
Entrando a bocaſa, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonſo vnidos.
Cuja alta fama antão fubia aos ceos,
Foy poſto cerco aos muros Vliffeos.

Cinco vezes a Lũa ſe efcondêra,
E outras tantas moſtrâra cheio o roſto,
Quando a Cidade entrada ſe rendêra,
Ao duro cerco, que lhe eſtaua poſto.
Foy a batalha tam fanguina & fera,
Quanto obrigaua o firme profupoſto:
De vencedores aſperos, & ouſados,
E de vencidos, ja defesperados.

Deſta arte em fim tomada ſe rendeo,
Aquella que nos tempos ja paffados
Aa grande força nunca obedeceo,
Dos frios pouos Sciticos ouſados:

Cujo poder a tanto fe estendeo,
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados.
E em fim co Betis tanto algum podêrão,
Que aa terra do Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.